

A percepção de saúde de voluntários idosos

Flávio Morgado

Ruth Gelehrter da Costa Lopes

Sophia Aragão de Moura



Esta pesquisa buscou, à luz de um projeto maior intitulado: *O papel da Pastoral Nacional da Pessoa Idosa (PPI) na redução do impacto do COVID-19 sobre idosos isolados*, se debruçar sobre os possíveis significados e constatações a respeito da percepção de saúde na velhice. O objetivo maior foi compreender qual a importância que os voluntários idosos atribuem à saúde a partir dos dados coletados no projeto, bem como de informações da pesquisa bibliográfica realizada.

Sob enfoque fenomenológico, foram exploradas as relações interpessoais, os diversos contextos sociais e os fenômenos psicológicos que circundam a vida dos idosos através do diálogo com áreas da gerontologia e da psicogerontologia.

Embasado na análise de dados obtidos *on-line*, por meio do projeto maior, o presente estudo consistiu em uma pesquisa descritiva, que procurou reconhecer e caracterizar uma população a partir das diversas variáveis que a permeiam.

A importância de tal tema encontra-se não apenas na conscientização sobre a percepção de saúde da pessoa idosa que presta serviços a outros idosos, como também na necessidade que há de investigar a identificação entre os voluntários e os que recebem seus auxílios. Pretende-se compreender, a partir da percepção de saúde dos voluntários, qual a significação atribuída à doença, como essa é vista e vivida por esta faixa etária e que elaborações subjetivas atuam em tal relação (entre voluntários idosos e idosos que recebem auxílios).

As diversas e expressivas conquistas no âmbito científico e tecnológico possibilitaram, cada vez mais, uma maior expectativa de vida, aumentando em muito a longevidade. A queda na taxa de fecundidade também é um fator que ratifica o número expressivo de idosos no Brasil, impactando na estrutura etária brasileira, podendo ser evidenciada na atual transição demográfica que atravessamos.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2017 a população de idosos superou a taxa de 30 milhões, e tende, ao longo dos anos, a só aumentar como tem ocorrido até então. “Em 2019 o número de idosos no Brasil chegou a 32,9 milhões”, além disso, dados do Instituto evidenciam que “a tendência de envelhecimento da população vem se mantendo e o número de pessoas com mais de 60 anos no país já é superior ao de crianças com até 9 anos de idade.”

Em virtude da pandemia do Covid-19, há de haver alterações quanto a esse prognóstico, visto que idosos compõem um dos grupos de risco em relação ao vírus, fato esse que levou muitos ao óbito (BARBOSA, GALVÃO, SOUZA, GOMES, MEDEIROS, LIMA, 2020).

Dando continuidade às projeções realizadas pelo IBGE, haverá cada vez mais um “funil etário” - imagem da pirâmide invertida -, pois há uma expressiva tendência em existirem mais idosos do que jovens; estima-se 1,5 bilhões de idosos até 2050, equivalente a um crescimento de 200% em relação a 2010 (IBGE, 2019).

Nesse contexto, o artigo intitulado *Cuidadores de idosos: Algumas contribuições para o estudo do tema* (MANO, ROSA, ARLINDO, LOPES, 2018) questiona as implicações desses dados. Segundo as autoras, nunca existiu, na história, tantas pessoas vivendo por tantos anos como existe hoje em dia, fato este que implica a necessidade de cuidados que devem ser constantemente modificados e adaptados às necessidades dos idosos.

Esta realidade implica em mais pessoas que cuidem destes idosos (...) O cuidado surge quando algo ou alguém tem importância para nós e pressupõe dedicação, disponibilidade, acolhimento e responsabilidade para com o ente cuidado. Mas o que é o cuidado? E quem é o cuidador? (pp. 95 e 96)

Revisão de literatura

Uma boa qualidade de vida engloba saúde, direitos, acessibilidade, estrutura, segurança social e tantas outras necessidades básicas; para tanto, é fundamental que existam políticas públicas eficientes, bem planejadas e articuladas que atendam às demandas dos idosos. Este segmento etário, assim como muitos outros brasileiros, sofre no acesso aos direitos fundamentais.

Há a necessidade social de se estabelecer novos caminhos:

novas compreensões para a velhice, novos papéis sociais aos idosos, ou seja, uma nova discussão pública (...) A comunicação pública eficaz tem como necessidade a transparência, bem como o compromisso com o cidadão (...) Pensando nos idosos, a comunicação pública deve ater-se à necessidade de criar canais de diálogo, de interação, que sejam acessíveis e incentivem o processo de comunicação e participação nas decisões da coletividade. (ANDRADE, LOPES; 2015)

Quem é o cuidador na PPI?

Atualmente, a velhice tem sido associada a sofrimento, falta de saúde, solidão, entre outras características negativas, refletindo não só a dificuldade das pessoas em lidar com o processo de envelhecimento, como também a maneira da sociedade tratar seus idosos. Segundo o olhar fenomenológico, o envelhecimento abarca a totalidade existencial do ser, englobando características biológicas, históricas e socioculturais, inerentes e constituintes de um sujeito em sociedade.

A velhice não carrega em si um significado de adoecimento, abandono ou fim de vida, ela faz parte do desenvolvimento humano; envelhecer é um fato inevitável da nossa condição humana, cada indivíduo envelhece de forma singular, e dessa forma depende de muitas variáveis.

No artigo *Redução da capacidade funcional de idosos residentes em comunidade: estudo longitudinal* (MATOS, JESUS, CARNEIRO, COQUEIRO, FERNANDES, BRITO, 2018), variáveis como o local em que se mora, acesso a saneamento básico e outras frentes de higiene, são apontadas como sendo de imensa importância para a qualidade de vida. Fatores como a sociabilidade, vínculos familiares e a própria diferença entre sexos também interferem na qualidade do envelhecimento.

Um estudo nomeado *As diferenças de gênero na velhice* (FIGUEIREDO, TYRREL, CARVALHO, LUZ, AMORIM e LOIOLA; 2007) assumiu três características categóricas para analisar o desenvolvimento da velhice em ambos os sexos: baixa autoestima vivenciada pelos homens idosos, autonomia e a liberdade conquistada pelas mulheres idosas e o aprendizado em educação em saúde ocorrido, principalmente, com as mulheres idosas. A partir da análise dos dados obtidos com o estudo, tem-se por resultado conclusivo que na primeira categoria a baixa autoestima do sexo masculino se dá em função de fatos como a aposentadoria, na qual o homem, com idade mais avançada, passa a ter mais contato com sua casa e com o “espaço privado” como referido no estudo. Tal fato exclui a característica e histórica atuação do homem no espaço público, social, representando então, segundo o estudo:

uma perda de poder, que tem repercussões significativas na imagem de autonomia, de liberdade e de poder vivida pela maioria dos homens, ao contrário do que ocorre com as mulheres que hoje têm 60 anos ou mais, para as quais, a família foi quase sempre o principal ponto de referência e poucas têm alguma profissão ou atuam como profissionais. (p. 424)

Na segunda categoria, no que tange a autonomia e liberdade dos idosos, percebe-se que, como já citado acima, o espaço privado, doméstico, tem maior domínio feminino, fato esse decorrente de uma cultura machista construída socialmente. Desse modo, segundo o estudo, mesmo para as mulheres que trabalham para além do espaço doméstico, há uma maior familiaridade e conforto para com suas casas além do fato de, quando aposentadas, receberem uma remuneração que independe de um homem ou marido, permitindo às mulheres executarem suas liberdades com grande autonomia. É importante ressaltar ainda que o cenário ilustrado vem sofrendo grandes mudanças; a partir das conquistas alcançadas pelo gênero feminino, esta associação da mulher com o ambiente doméstico não se faz mais verdadeira para todas as mulheres como um dia já fez. Com a terceira categoria, observa-se grande

presença de mulheres idosas em programas educacionais para a terceira idade e isso justifica-se justamente pelo fato de as mulheres com idade mais avançada terem mais tempo disponível e muitas vezes poderem desfrutar da remuneração da aposentadoria. Para além disso, o interesse em se informar e se inteirar sobre assuntos que giram em torno de cuidados preventivos e de cuidados na velhice, é um fator recorrente para esta faixa etária que busca uma maior qualidade de vida, e vem se manifestando de forma crescente no sexo feminino. Ainda segundo o estudo sobre as diferenças de gênero na velhice:

Este aspecto fica evidente ao se observar a clara predominância de mulheres nos cursos das universidades para terceira idade, nos centros de convivência e nos clubes de idosos. Neste sentido, já são muitas as iniciativas bem-sucedidas em todo Brasil, dentre estas, o Programa Terceira Idade em Ação PTIA coordenado pelo Núcleo de Pesquisa e Extensão Universitária da Terceira Idade NUPEUTI da Universidade Federal do Piauí, implantado desde 1998, tendo uma média de 300 alunos matriculados em 25 disciplinas em diferentes áreas do conhecimento das ciências sociais e humanas, desse total de alunos constata-se que 95% são mulheres. (2007; p. 425)

O que é cuidar do velho e da velhice?

A velhice pode ser entendida como uma fase da vida e está atrelada a uma experiência cronológica e subjetiva do ato de envelhecer. Envelhecer, por sua vez, é um constante e contínuo processo natural da vida que, como tantos outros processos, traz mudanças; o envelhecimento está na sutileza inerente do viver.

A partir de diversas aulas com Nichan Dichtchekenian, psicoterapeuta e professor de Psicologia Fenomenológica na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo desde 1972 e membro Fundador do Centro de Estudos Fenomenológicos de São Paulo, pode-se dizer que o ser humano é, ao mesmo tempo, um ser-no-mundo e um vir-a-ser, o que significa que está constantemente em transformação em sua relação com o meio e com os outros entes, encontra-se constantemente tocado pelo diferente de si e aberto para novas possibilidades de ser. É deste “vir-a-ser” que deriva o constante e inerente envelhecer do ser, pois desde o momento de sua concepção, o envelhecimento é contínuo. Desse modo, é dentro deste contexto que o cuidado para com o outro - além do cuidado para consigo - se mostra como o guia essencial da vida humana uma vez que um indivíduo não se constrói como tal na ausência de um outro indivíduo.

O artigo *Trabalho voluntário: uma alternativa para a promoção da saúde de idosos* (SOUZA e LAUTERT; 2008), discute um crescente movimento de voluntários idosos, principalmente daqueles aposentados. O voluntariado adquiriu um papel tal que se apresenta como uma prática, que se manifesta para a pessoa idosa como um mecanismo que tem como finalidade mantê-las socialmente ativas, possibilitando um envelhecimento ativo, e afastá-las do preconceito ligado à aposentadoria. Em virtude disso, o trabalho voluntário acaba se configurando como uma estratégia para a promoção da saúde dessas pessoas, pois promove a inclusão social, o reconhecimento do potencial da pessoa idosa e é um trabalho de via dupla, no qual aqueles que ajudam podem ser também ajudados, e todas essas possibilidades refletem na saúde e na qualidade de vida dos voluntários, pois somos seres biopsicossociais, ou seja, somos moldados e influenciados por aspectos biológicos,

psicológicos e sociais. O cuidado é uma forma de “ser-no-mundo”. Por meio do olhar fenomenológico, o cuidado é visto como uma forma de entrar em contato com o ente humano, ou seja, com o mundo de outra pessoa. Esse contato virá a possibilitar a transformação de ambos os indivíduos a partir do que o outro é; sendo um processo análogo ao do voluntariado, o que explicita seu constante diálogo com o cuidado.”

É na velhice e, conseqüentemente, no processo de envelhecimento, que identificamos certo sujeito: o idoso. O termo idoso, atualmente, abrange os indivíduos com 60 anos de idade ou mais; e esse termo substitui termos como *velhote* ou *velho* (MANZARO, 2018). É de extrema importância pautar que o termo “velho” ou “velha”, que se referem à pessoa idosa, podem ser mal interpretados por diversos motivos, dentre eles os culturais. Temos certa tendência a desvalorizar, banalizar e descartar tudo aquilo que é “velho”; os “velhos” nos lembram da nossa finitude e proximidade com a morte e, a fim de evitá-la, “nos livramos” desta realidade colocando os idosos em asilos ou em hospitais e muitas vezes desqualificando as suas falas e conhecimentos. Aquele que historicamente foi identificado como sábio e mais experiente do convívio social, nos dias de hoje é desvalorizado e negligenciado.

A distinção entre os termos retoma um fato importante já citado no texto que é a questão da velhice ligada ao adoecimento e à incapacidade, tema também abordado na live intitulada *A velhice no CID 11 sob o código MG2A: bate-papo com o GT Psicologia, Envelhecimento e Velhice* (RABELO, BARBOSA, SILVA E SOUSA; 2021). Envelhecer implica em mudanças físicas, metabólicas e psicológicas, e tais mudanças podem ocasionalmente diminuir o sistema imunológico do indivíduo abrindo portas para alguma manifestação patológica.

O envelhecimento tem diversas facetas, dentre elas, duas se destacam: a senescência e a senilidade. Segundo o artigo *Senescência e senilidade: novo paradigma na Atenção Básica de Saúde* (CIOSAK, BRAZ, COSTA, NAKANO, RODRIGUES, ALENCAR E ROCHA; 2011), o primeiro termo está atrelado ao gradual processo de diminuição do metabolismo e conseqüentemente da reserva funcional, e o segundo está atrelado ao desenvolvimento de uma patologia causada por questões emocionais ou fisiológicas.

Ainda segundo o *Relatório Mundial de Envelhecimento e Saúde* (OMS, 2015) existem dois conceitos que permeiam a saúde da pessoa idosa: a capacidade intrínseca e a capacidade funcional. A capacidade intrínseca consiste nas capacidades físicas e mentais com as quais o indivíduo atua e utiliza em qualquer momento de sua vida, incluindo desde herança genética até características pessoais; a capacidade funcional consiste na fusão entre a capacidade intrínseca e fatores extrínsecos, como o ambiente, sendo fundamental para tal conceito a relação entre o indivíduo e esses outros fatores.

Seguindo essa linha de raciocínio, o envelhecimento saudável está na compreensão da inflexibilidade das capacidades intrínseca e funcional, uma vez que estão sujeitas às mudanças da vida. O Relatório ainda reitera que mesmo cientes de que tais capacidades sigam a tendência de diminuir conforme o avanço da idade, “as escolhas de vida ou as intervenções em diferentes momentos durante o curso da vida irão determinar o caminho - ou trajetória - de cada indivíduo” (pg. 13); e é com isso que podemos concluir que a velhice é um fato que atinge a todos, pois viver requer envelhecer. Quando a velhice é cuidada e olhada com atenção, diversos fatores e

variáveis que poderiam levar o idoso a um estado de grande vulnerabilidade, são significativamente amenizados, possibilitando assim, a superação de dificuldades e o reconhecimento do indivíduo diante de suas capacidades e seus direitos.

Variáveis como a sociabilidade e vínculos interpessoais (como os familiares), requerem notabilidade uma vez que compõem um contexto social de grande influência para a terceira idade. É dentro deste aspecto que a noção de cuidado é extremamente importante, podendo ser vista nas atividades de voluntariado, como já citado, mas também na construção do simbólico e subjetivo.

O bem-estar subjetivo também pode ser proporcionado pelo cuidado, principalmente na relação daquele que cuida com aquele que é cuidado. Seus benefícios permeiam a possibilidade de reflexão, de resiliência, de fé e de saúde, uma vez que a saúde não é a ausência de doença e sim, uma condição intersubjetiva que envolve âmbitos simbólicos sociais e individuais, como também âmbitos concretos e objetivos. Para enriquecer a ideia de cuidado, que por si só é muito ampla, retoma-se o artigo elaborado pelas autoras anteriormente citadas Lopes e all, a respeito dos cuidadores de idosos:

O cuidado é uma noção polissêmica, socialmente construída; mutante conforme o momento histórico e a complexidade social; simultaneamente moral, relacional e cultural. Traz consigo aspectos éticos e pode ser considerado como uma prática moral - um dever moral - carregada de empatia, responsabilidade e solidariedade, caracterizando-se ao mesmo tempo como uma necessidade e como uma atividade. As práticas de cuidar desempenham papéis cruciais na constituição de uma pessoa, tanto no começo quanto no final da vida, proporcionando pertencimento ao grupo e propiciando fortalecimento das relações sociais.

Ainda segundo o artigo:

Desta forma, o cuidado surge quando algo ou alguém tem importância para nós e pressupõe dedicação, disponibilidade, acolhimento e responsabilidade para com o ente cuidado. Cuidado é um modo de ser-no-mundo, fundamento ontológico do ser humano, através do qual este constrói sua identidade.

Dialogando com os dados da pesquisa maior

Com a finalidade de enriquecer ainda mais o tema, e retomando os dados da pesquisa realizada no projeto maior *O papel da Pastoral Nacional da Pessoa Idosa (PPI) na redução do impacto do COVID-19 sobre idosos isolados*, que inspira esta pesquisa; de um total de 3888 pessoas que responderam ao questionário elaborado pelo projeto citado, 3030 pessoas responderam ao questionário que suas saúdes estavam boas, 844 responderam que suas saúdes estavam regulares e 14 responderam que suas saúdes estavam ruins. Ao analisar os dados apresentados, percebe-se que a maioria se encontra com boa saúde, porém, um grande número, que representa aproximadamente 21,7% das pessoas que realizaram o questionário, encontra-se com uma saúde regular enquanto 0,36% encontram-se com um nível ruim de saúde. Dado este cenário, ao somar-se ainda a porcentagem de pessoas com problemas de saúde, que é de 49% (Figura 1.), ou seja, aproximadamente 1905 pessoas, a

relevância do tema se faz cada vez mais necessária - pois revela o caráter relativo da percepção de saúde de cada indivíduo.

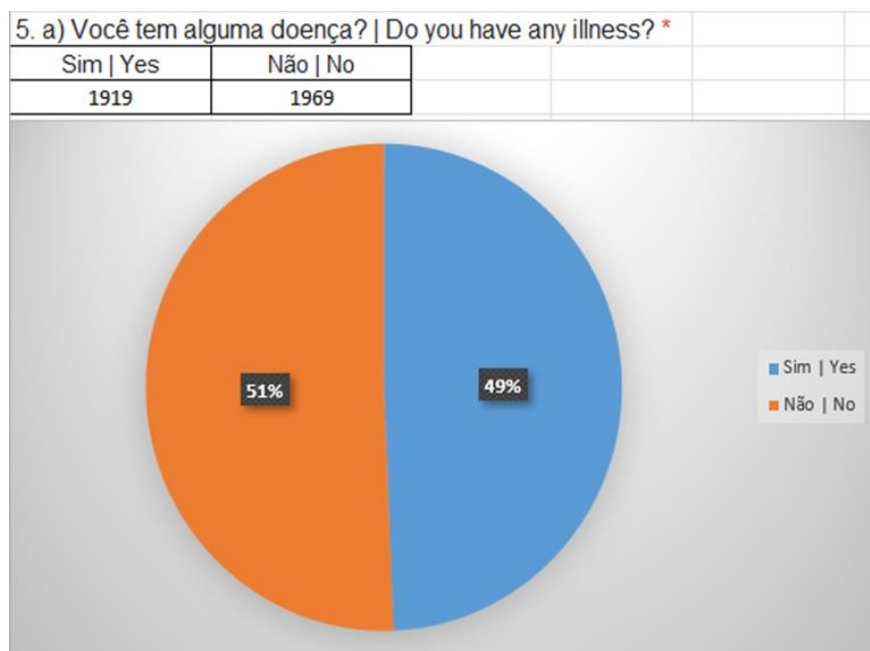


Figura 1. Gráfico de setores a partir da 5ª pergunta do questionário do artigo “O papel da Pastoral Nacional da Pessoa Idosa (PPI) na redução do impacto do COVID-19 sobre idosos isolados”.

5. b) Caso você tenha respondido sim a pergunta anterior, qual, ou quais doenças você tem?
| If you answered yes to the previous question please specify which illness you have.
Selecione todas as alternativas que fazem sentido para você.

1223	1 - Hipertensão arterial Arterial hypertension						
149	2 - Hipertensão arterial Arterial hypertension						
243	3 - Osteoporose (problemas nas articulações) Osteoporosis (joint problems)						
55	4 - Problemas pulmonares Lung problems						
64	5 - Depressão Depression						
8	6 - Câncer Cancer						
19	7 - Incontinência Urinária Urinary Incontinence						
282	8 - Outra (s) Another illness						
1	2	3	4	5	6	7	8
1223	149	243	55	64	8	19	282

Figura 2. Respostas da 5ª pergunta do questionário do artigo “O papel da Pastoral Nacional da Pessoa Idosa (PPI) na redução do impacto do COVID-19 sobre idosos isolados”.

Além disso, apenas uma pergunta do questionário indagava diretamente sobre a saúde mental da pessoa idosa, que consistia em ter ou não depressão, como aponta a Figura 2.: das 3888 pessoas entrevistadas, 64 apresentavam depressão, representando aproximadamente 1,6% do total de pessoas que responderam ao questionário - o que evidencia que as doenças psicológicas foram pouco enfatizadas e exploradas ao longo da coleta para pesquisa.

As implicações do envelhecimento, a concepção e percepção de saúde e a influência dos fatores externos e internos na qualidade de vida dos mais velhos, são temas de notável importância atual. O projeto original, já nomeado anteriormente, contribui imensamente para conscientização e a reflexão sobre as velhices contemporâneas, pois, o grupo de voluntários participantes da pesquisa é predominantemente idoso e presta apoio a outros idosos. Dessa forma, buscamos identificar as possíveis variáveis que diferenciam o voluntário, que muitas vezes, enfrenta problemas de saúde iguais ou semelhantes aos dos idosos em condições de auxílio, ou seja, quais significados ambos os grupos atribuem àquilo que tem.

O tema é extremamente atual, aborda questões relativas aos tempos da pandemia, às dificuldades sociais e políticas de acessibilidade enfrentadas pelos idosos, à qualidade de vida e à concepção de saúde; temas importantíssimos que podem ser observados no dia a dia e que se fazem presentes em grandes discussões atuais. Em síntese, esta pesquisa buscou explorar os fatores que concernem a vida do idoso, e principalmente, aquilo que diz respeito a sua saúde em seu significado mais amplo e íntegro.

Os estudos foram realizados através do Núcleo de Estudo e Pesquisa de Envelhecimento (NEPE), certificado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, fundamentou-se, desde o início de sua organização, como um espaço de formação continuada, cujo objetivo principal é articular diferentes disciplinas das áreas das Ciências Humanas e da Saúde a fim de preparar profissionais e pesquisadores para pesquisa e atuação na área do envelhecimento e longevidade.

O projeto principal resultou da parceria entre o NEPE e a Stafford University, e é a partir desta pesquisa em conjunto, que usufruímos de dados selecionados para o reconhecimento da saúde da pessoa idosa num diálogo intrínseco com a psicogerontologia.

Referências

ANDRADE, G. T.; LOPES, R. G. C. Comunicação pública e a expressão do estigma da velhice. *Revista Longevidade*, São Paulo, n° 46, p.(66-72), setembro/outubro/novembro, 2015. Disponível em: <https://revistalongevidade.com.br/index.php/revistaportal/article/view/556/612> . Acesso em: 03/10/21.

BARBOSA, I. R.; GALVÃO, M. H. R.; SOUZA, T. A.; GOMES, S. M.; MEDEIROS, A. A.; LIMA, K. C. Incidência e mortalidade por COVID-19 na população idosa brasileira e sua relação com indicadores contextuais: um estudo ecológico. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, Rio de Janeiro, julho, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbagg/a/84SR89v94tDTH3tdppdDjt/?lang=en> . Acesso em: 05/03/2022.

BISPO, N. N. C.; COSTA, V. S. P.; MOLARI, M.; FALLOSSI, L. C.; FIDELIS, T. A. S.; GONÇALVES, F. F.; FURINI, T. F.; LODOVICI, F. M. M.; LOPES, R. G. C.; CONCONE, M. H. V. B. Mudanças na vida cotidiana em pessoas idosas institucionalizadas pelo impacto da doença. *Revista Portuguesa de Investigação Comportamental e Social*, Coimbra, vol. 6, p.(64-80), 2020. Disponível em: <https://repositorio.ismt.pt/handle/123456789/1123> . Acesso em: 09/10/21.

CIOSAK, S. I.; BRAZ, E.; COSTA, M. F. B. N. A.; NAKANO, N. G. R.; RODRIGUES, J.; ALENCAR, R. A.; ROCHA, A. C. A. L. Senescência e senilidade: novo paradigma na Atenção Básica de Saúde. Revista da Escola de Enfermagem da USP, São Paulo, p.(1763-1768), 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reeusp/a/9VCqQLGF9kHwsVTLk4FdDRt/?lang=pt&format=pdf> . Acesso em: 16/07/21.

Crp03vídeos. A velhice no CID 11 sob o código MG2A: bate-papo com o GT Psicologia, Envelhecimento e Velhice. YouTube. Julho de 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=IYKLfQu91IM&ab_channel=crp03v%C3%ADdeos . Acesso em: 14/07/21

FIGUEIREDO, M. L. F.; TYRREL, M. A. R.; CARVALHO, C. M. R. G.; LUZ, M. H. B. A.; AMORIM, F. C. M.; LOIOLA, N. L. A. As diferenças de gênero na velhice. Revista Brasileira de Enfermagem, Brasília, p.(422-427), julho/agosto, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/kMmykr8LV5nfDJtYJtsF65y/?lang=pt> . Acesso em: 30/07/21.

FREITAS, M. C.; MARUYAMA, S. A.; FERREIRA, T. F.; MOTTA A. M. A. Perspectivas das pesquisas em gerontologia e geriatria: revisão da literatura. Revista Latino-Americana de Enfermagem, Ribeirão Preto, p.(223-224), março/abril, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlae/a/cSFQc4WPx77ydMLs9qXCnMG/?lang=pt> . Acesso em: 05/04/2021.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA ESTATÍSTICA. Número de idosos cresce 18% em 5 anos e ultrapassa 30 milhões em 2017. 2018. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/busca.html?searchword=idosos&searchphrase=all#:~:text=A%20popula%C3%A7%C3%A3o%20brasileira%20manteve%20a,Domic%C3%ADlios%2C%20divulgada%20hoje%20pelo%20IBGE> . Acesso em: 13/07/2021.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA ESTATÍSTICA. Projeções da População do Brasil e Unidades da Federação por sexo e idade: 2010-2060. 2018. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9109-projecao-da-populacao.html?=&t=resultados> . Acesso em: 01/12/21.

LOPES, R. G. C.; KEVERN, P.; CÔRTE, B., MORGADO, F., BARROSO, Á. E. S., LUCENA, C. C., BRANDÃO, V. COVID-19 e a rede de apoio da Pastoral da Pessoa Idosa, Nacional. Revista Kairós-Gerontologia, 23 (Número Temático Especial 28, “COVID-19 e Envelhecimento”), São Paulo, 2020, p.(219-240). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.23925/2176-901X.2020v23iEspecial28p219-240> . Acesso em: 05/04/21.

MANSO, M. E. G.; ROSA, C. R.; ARLINDO, E. P. S.; LOPES, R. G. C. Cuidadores de idosos: Algumas contribuições para o estudo do tema. Revista Longevidade, São Paulo, n° 58, p.(95-100), outubro/novembro/dezembro, 2018. Disponível em: <https://revistalongevidade.com.br/index.php/revistaportal/article/view/752> . Acesso em: 03/10/21.

MANZARO, Simone de Cássia Freitas. Envelhecimento: idoso, velhice ou terceira idade. Portal do Envelhecimento e Longevidade, novembro, 2014. Disponível em: <https://www.portaldoenvelhecimento.com.br/envelhecimento-idoso-velhice-ou-terceira-idade/> . Acesso em: 11/09/21.

MATOS, F. S.; JESUS, C. S.; CARNEIRO, J. A. O.; COQUEIRO, R. S.; FERNANDES, M. H.; BRITO, T. A. Redução da capacidade funcional de idosos residentes em comunidade: estudo longitudinal. *Ciência & Saúde Coletiva*, Volume 23, nº 10, p.(3393-3401), 2018. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/csc/2018.v23n10/3393-3401/pt/>. Acesso em: 30/07/21.

NEVES, A. Q.; SILVA, A. M. C.; CABRAL, J. F.; MATTOS, I. E.; SANTIAGO, L. M. Prevalência e fatores associados à fragilidade em idosos usuários da Estratégia Saúde da Família. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, Rio de Janeiro, p.(704-714), 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbagg/a/G3Cqm8GfqLxfmW8xWFpfCsr/?lang=pt>. Acesso em: 01/08/21.

OLIVEIRA, B.; CONCONE, M. H. V. B.; LODOVICI, F. M. M.; LOPES, R. G. C.; CÔRTE, B. Quem cuidará de nós em 2030?: prospecção e consenso na região metropolitana de São Paulo. *Revista Envelhecer*, Porto Alegre, vol. 21, nº 1, p.(11-34), 2016. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/porta/resource/pt/biblio-868944> . Acesso em: 09/10/21

Organização Mundial de Saúde. Relatório Mundial de Envelhecimento e Saúde. Genebra: OMS; 2015. 01/08/21.

PELLEGRINI, A.; BUSS, P. Artigo aborda os problemas da saúde e seus determinantes sociais. *Revista Physis*, Rio de Janeiro, julho, 2007. Disponível em: <https://agencia.fiocruz.br/artigo-aborda-os-problemas-da-sa%C3%BAd-e-seus-determinantes-sociais> . Acesso em: 01/08/21.

Semana de Psicologia e Fenomenologia PUC-SP. V Semana Acadêmica de Psicologia e Fenomenologia - 13/09. YouTube. Setembro de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCspW9z4mAHxfamUFp0IU_lw>. Acesso em 13/09/2021.

SOUZA, L. M.; LAUTERT, L. Trabalho voluntário: uma alternativa para a promoção da saúde de idosos. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, São Paulo, 2008, p.(371-376). Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reeusp/a/qJZrThG85WsTTCDCysq5rtR/abstract/?lang=pt&format=html> . Acesso em: 02/10/21.

Data de recebimento: 08/02/2023; Data de aceite: 17/05/2023

Flávio Morgado - *Professor Doutor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e coordenador do curso de Especialização em Gestão de Organizações de Saúdes.* E-mail: fmorgado@pucsp.br

Ruth Gelehrter da Costa Lopes - *Professora Doutora Associada da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.* E-mail: ruthgclopes@pucsp.br

Sophia Aragão de Moura - *Aluna graduanda do curso de psicologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.* E-mail: sophi.aragao57@gmail.com